

## ESTRATÉGIAS DE ENSINO REMOTO PARA O ALUNO COM SURDEZ DURANTE A PANDEMIA DO COVID 19

Autor: Solange Oliveira Gomes de Araujo <sup>1</sup>  
Orientadora: Dra. Tania Chalhub <sup>2</sup>

### RESUMO

No ano de 2020, a pandemia do novo “Corona Vírus” assolou o mundo sendo preciso fazer mudanças no nosso comportamento nos espaços sociais, pessoais e profissionais. Portanto, a necessidade de focar na proposta de ensino remoto tornou-se necessário para que fosse possível continuar instigando o interesse do aluno surdo em participar das atividades. A intenção foi continuar as atividades bilíngues com o aluno surdo, evitando deixá-los sem o contato com outros surdos e sem a comunicação em sua primeira língua, observando que, em sua maioria, eles são nascidos em família ouvinte, usuária da comunicação oral auditiva. A experiência aqui relatada teve como objetivo geral descrever a prática de ensino remoto para alunos surdos em tempos de pandemia. Para a realização desta pesquisa foi empregado o método de pesquisa narrativa, em que os dados e o modo de produção são descritos de acordo com a experiência vivida. Foi possível criar aulas dinâmicas com apresentação de vídeos com acessibilidade, jogos de memória criados de acordo com o tema trabalhado, atividades avaliativas utilizando o google.com/forms, e outras várias opções de elementos para usar em aulas online que podem ser adaptadas com uso de imagem e de sinais em LIBRAS, para alcançar o aluno surdo. Dessa forma, trazer o aluno surdo para o cotidiano virtual tornou-se, a princípio, um desafio difícil, porém não foi impossível.

Palavras chave: Ensino remoto. Educação de Surdos. Pesquisa Narrativa. Pandemia.

### INTRODUÇÃO

No ano de 2020, a pandemia do novo “Corona Vírus” assolou o mundo, sendo preciso fazer mudanças em nosso comportamento, nos espaços sociais, pessoais e profissionais. Dentre as mudanças impostas buscando barrar a proliferação deste vírus tão letal, houve um período longo de quarentena. Nesse período, o sentimento que emergia na população foi uma onda de dúvidas, de medo e de insegurança, provocando novas adaptações em nosso cotidiano.

No âmbito educacional também sofremos mudanças bruscas e repentinas, de modo que a principal resolução por parte dos governantes foi a recomendação: “FIQUE EM CASA”. Tal recomendação, abalou emocionalmente os profissionais da educação e os alunos, sejam eles

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Licenciada em Letras Libras pela Universidade Federal da Paraíba; Curso Bilíngue de Pedagogia do Instituto Nacional de Educação de Surdos, Especialista em Libras pela Faculdade de Ciências Educacionais e Empresariais de Natal, Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Maurício de Nassau PB. [solangeogaraujo@gmail.com](mailto:solangeogaraujo@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora orientadora: PhD Social Work, pela University of Minnesota, EUA. Professora Adjunta do curso de Pedagogia do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Pesquisadora do GP Acessibilidade, Interculturalidade e Educação de Surdos. [chalhubtania@gmail.com](mailto:chalhubtania@gmail.com)

alunos com deficiência ou sem deficiência que necessitam de Atendimento Educacional Especializado, sem previsão para a retomada das atividades presenciais. Diante do avanço da pandemia, medidas provisórias foram decretadas pelo governo do estado, propondo aulas de forma remota, buscando diminuir o transtorno educacional gerado nesse momento.

Para tanto, foi necessário adaptar o currículo para a realidade virtual oferecida nesse momento. Segundo as reflexões de Louro e Janoario (2020, p.69-70):

Não estávamos acostumados a trabalhar um currículo digital com estratégias para ensino e aprendizagem remotos. A utilização de conteúdo digital era relativamente incomum antes do início da crise. Nossa cultura era desenvolver poucos materiais educacionais disponíveis fora da escola. Devido à pandemia, nós, professores, somos exigidos a ajustar rapidamente nossos métodos de ensino e expectativas de aprendizagem. Precisamos, ainda, encontrar uma maneira de contemplar o máximo possível do currículo usando uma forma fundamentalmente diferente de ensino tradicional.

Podemos perceber que a pessoa, seja ela com ou sem deficiência, que não tem língua para sua comunicação, tornar-se uma pessoa sem um histórico de vida ou sem cultura. Com relação ao povo surdo Strobel (2015, p.29) afirma que “[...] a cultura surda é o jeito do sujeito ver o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável [...] Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo”.

Aliado à cultura podemos ver o jogo como um importante estímulo na área psicomotora, trazendo um ganho considerável na aquisição da linguagem, tendo em vista que segundo Fonseca (1988, p.335), “[...] o jogo é um vulcão de descobertas pessoais e sociais, é um prelúdio psicomotor da inteligência”.

Tendo perda total ou parcial da audição, aprender a língua brasileira de sinais (LIBRAS) através de atividades lúdicas, com o uso de jogos contendo imagens de sinais em LIBRAS e suas respectivas figuras, podem fazer toda a diferença no desenvolvimento educacional e social destas pessoas.

Deste modo, minha primeira preocupação diante das dificuldades encontradas nesse momento tão desafiador, em presença do cenário do distanciamento social, foi buscar estratégias de ensino remoto através de jogos adaptados e de textos imagéticos online adaptados para LIBRAS, vídeos em LIBRAS, redes sociais e lançar mão das tecnologias disponíveis, procurando trazer para o cotidiano do aluno surdo aspectos culturais e indenitários que permitam auxiliá-lo na construção da sua subjetividade, mesmo à distância, porém com contato visual, buscando diminuir a ansiedade e o sofrimento causado pela pandemia.

A princípio houve uma ansiedade em relação de quais seriam as formas de trazer esse aluno surdo para participar desses encontros virtuais e, por sua vez, de como seria a aceitação e a participação da família, pois estes familiares na sua maioria não são usuários da língua de sinais, o que dificulta a comunicação com seu parente com surdez. Observando a literatura sobre surdez, ressaltamos a importância de ensinar às crianças surdas a sua língua e cultura. Para Skliar (2015, p.27) “[...] pôr a língua de sinais ao alcance de todos os surdos deve ser o princípio de uma política linguística”.

Assim sendo, neste momento a família aparece como artefato cultural primordial no desenvolvimento linguístico deste aluno, já que se encontra próximo a este sujeito.

A experiência aqui relatada teve como objetivo geral descrever a prática de ensino remoto para alunos surdos em tempos de pandemia, contemplando os seguintes objetivos específicos: Descrever a prática docente com alunos surdos através de jogos adaptados para a LIBRAS e de textos imagéticos de forma online; Exemplificar estímulos cognitivos aos alunos surdos através de atividades online; Promover estratégias para o uso e para a difusão de aulas remotas em LIBRAS, junto à comunidade docente bilíngue.

## **LIBRAS E EDUCAÇÃO DE SURDOS: BREVE HISTÓRICO**

É comum observar na literatura da educação de surdos como se dá o ensino da LIBRAS, fazendo referência à importância de se ensinar às crianças surdas a sua língua e cultura. Para Skliar (2015, p.27) “pôr a língua de sinais ao alcance de todos os surdos deve ser o princípio de uma política linguística”. Para tanto, é importante o uso de estratégias na educação do surdo, no que diz respeito à aquisição da LIBRAS.

A LIBRAS é uma língua espacial-visual e existem muitas formas criativas de explorá-la, o lúdico é uma delas. Ainda em relação à aquisição da LIBRAS, Quadros e Schmiadt (2006, p.28) afirmam que:

[...] as relações cognitivas que são fundamentais para o desenvolvimento escolar estão diretamente relacionadas à capacidade da criança em organizar suas ideias e pensamentos por meio de uma língua na interação com os demais colegas e adultos.

Destacando as barreiras da comunicação que as pessoas surdas enfrentam, observa-se que na maioria das vezes as levam a se tornarem pessoas solitárias, com pouca comunicação em seu meio social, na família ou na escola. A este respeito Strobel (2015, p. 61) aponta que:

[...] em famílias ouvintes, as crianças surdas observam as conversas e discussões que são direcionadas a elas” o que deixa o surdo a margem da inserção familiar, eles apenas observam, não participam, sendo

excluídos no meio social.

A história educacional do surdo no Brasil, iniciou-se no “Brasil Império”. Segundo Rocha (2018, p.14):

A Educação de Surdos no Brasil tem sido estudada a partir da fundação, no ano de 1856, do Colégio Nacional para Surdos-Mudos de ambos os sexos. A pesquisa documental em período anterior a este marco praticamente inexistente no Brasil.

Desde então a educação dos surdos foi marcada por vários momentos, alguns baseados na educação oralista, outros na educação sinalizada e, depois de muitas lutas da Comunidade Surda, as conquistas foram materializadas em leis e decretos.

A Lei 10.098 de 19 de dezembro de 2000, foi importante para a educação referente à comunidade surda, pois trata-se da regulamentação da acessibilidade das pessoas com deficiência na sociedade em geral, no cap. I, no art. 2º, IX, no que se refere à comunicação, dispõe que:

[...] comunicação: forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações; (Incluído pela Lei nº 13.146, de 2015) (Vigência) (BRASIL, 2000, p. 2).

Em 24 de abril de 2002 foi decretada e aprovada a LEI Nº 10.436, que reconhece a língua brasileira de sinais como:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideais e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

O Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005 foi sancionado para regulamentar as Leis 10.098 de 19 de dezembro de 2000 e a lei Nº 10.436 de 24 de abril de 2002, bem como: Incluir a Libras como disciplina curricular; orientar sobre a formação do professor de libras e do instrutor de libras; do uso e da difusão da Libras e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação; da formação do tradutor e intérprete de libras - língua portuguesa; da garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva; da garantia do direito à saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva; do papel do poder público

e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos, no apoio ao uso e difusão da Libras (BRASIL, 2005).

Tendo ainda neste decreto as orientações para que a administração pública municipal, estadual e federal faça valer sua ordenança a partir da data de sua publicação, dispondo de um ano para que os órgãos citados tivessem tempo para os ajustes necessários.

A Lei Nº 12.319, de 1º de setembro de 2010 trouxe uma nova realidade na educação do surdo, sendo nesse momento a educação do surdo inserida na modalidade de ensino “educação especial”, esta Lei “Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS” (BRASIL, 2010). Trazendo para o surdo o direito de ter a presença deste profissional em diferentes espaços, como forma de garantir a acessibilidade linguística.

Em agosto de 2021, a Lei n. 14.191 (BRASIL, 2021), altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/96, acrescentando em seu texto uma nova modalidade de ensino, a educação bilíngue de surdos, fruto de muita luta da comunidade surda.

Tais conquistas trouxeram resultados positivos, no que diz respeito à educação do surdo no Brasil, porém a comunidade surda ainda luta por melhores condições de aprendizagem, segundo escreveu a Professora e pesquisadora Dr<sup>a</sup>. Karin Strobel (2012, p.7), no prefácio do livro “Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez”:

[...] durante muito tempo a Comunidade Surda Brasileira esteve carente de materiais educacionais. Temos que reconhecer que após a oficialização da LIBRAS – Língua Brasileira de sinais em 2002 (Lei 10.436) houve um aumento na produção de matérias visando sua disseminação entre os ouvintes e também o ensino aos próprios surdos.

Deste modo, observamos que a língua é o artefato cultural primordial para o desenvolvimento da pessoa surda, pois trata-se da forma mais adequada de comunicação, mas ainda sofre preconceitos por ser uma língua de caráter gesto-visual. Nesse sentido, Quadros (2005) afirma que; “Se não fosse a diferença na modalidade, todos teriam tranquilidade em reconhecer as pessoas surdas enquanto bilíngues” (p 3), e aceitariam aprender sua língua sem problemas, contudo ainda observando Quadros (2005, p.3), também aponta que:

- 1) A modalidade das línguas: visual-espacial e oral-auditiva;
- 2) surdos filhos pais ouvintes: os pais não conhecem a língua de sinais brasileira;
- 3) O contexto de aquisição da língua de sinais: um contexto atípico, uma vez que a língua é adquirida tardiamente, mas, mesmo assim tem status de L1;
- 4) A língua portuguesa representa uma ameaça para os surdos;

- 5) A idealização institucional do status bilíngue para os surdos: as políticas públicas determinam que os surdos “devem” aprender português;
- 6) Os surdos querem aprender na língua de sinais;
- 7) Revisão do status do português pelos próprios surdos: reconstrução de um significado social a partir dos próprios surdos.

Dentro desse contexto, a intenção foi continuar as atividades bilíngue com o aluno surdo, evitando deixá-los sem o contato com outros surdos e sem a comunicação em sua primeira língua. Acredita-se que isto é de grande relevância, visto que em sua maioria eles são nascidos em família ouvinte, usuária da comunicação oral auditiva, como explica Strobel (2015, p.59) ao mencionar que “quando o médico apresenta o diagnóstico da surdez, os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito “não normal” e ficam frustrados porque veem um sonho desfeito”. Observa-se que poucas famílias ouvintes com membros surdos se interessam em entender o universo surdo, como ressalta Strobel (2015, p.62):

Salvo alguns casos, quando tem diálogos e bom vínculo entre eles, isso ocorre porque um ou outro membro ouvinte da família do filho surdo resolveu se informar e aprofundar a respeito da cultura surda, procurando se comunicar e passar todas as informações para a criança surda em uma relação de diálogo, no qual existe uma efetiva troca de saberes e a aceitação da identidade surda.

Observamos que quando há algum membro da família do surdo que se interessa em aprender a LIBRAS, este surdo tem uma aprendizagem significativa, se comparar aos surdos que não tem a oportunidade de dialogar com pessoas próximas a ele.

Com relação ao acesso dos alunos as aulas online, lhes falta ambiente familiar propício para esta prática, internet de qualidade, computador, em razão de muitas vezes existir apenas um aparelho celular para uso de todos os membros familiar, ou tem aparelhos com pouco espaço para armazenamento de dados, o que certamente dificultaria o envio dos vídeos necessários para as aulas em LIBRAS, meio de comunicação utilizado pela maioria dos alunos surdos e pelo qual, facilita a sua aprendizagem. Segundo Louro e Janoario (2020, p.46-47):

[...] desigualdade social brasileira acentuou a precariedade do trabalho do professor, destacou a fragilidade do aluno em casa e, conseqüentemente, evidenciou o desafio do sistema remoto, tendo em vista à carência de acesso à internet de qualidade.

Diante da importância em dar continuidade das aulas bilíngues para o aluno surdo e, assim, continuar com as atividades escolares, ressaltando que no início da pandemia as crianças das escolas estaduais ficaram sem assistência educacional por 45 dias, destes, 30 dias foram

ofertadas coletivamente e antecipadamente as férias dos professores, ficando a gestão de todas as escolas do estado da Paraíba, funcionando apenas os setores administrativos, devido ao processo organizacional necessário naquele momento.

## **METODOLOGIA**

Para a realização desta pesquisa foi empregado o método de pesquisa narrativa, em que os dados e o modo de produção são descritos de acordo com a experiência vivida. Presente em diversos campos a pesquisa narrativa tem potencial na educação, trazendo contribuições relevantes para as práticas educacionais das mais diversas, inclusive nas atividades online junto aos estudantes surdos.

Para Souza e Cabral (2015, p.151) a narrativa é “[...] relevante para o contexto de formação em que se concebe o professor como narrador-personagem-escritor de histórias que se constituem a partir de diversas situações de formação”.

Portanto, ainda observando o que diz Souza e Cabral (2015, p.152), quando expõe que: “No sentido de integrar o vivido através do narrado num processo de reflexão, pontua-se em que medida os diários impactam positivamente na prática docente”.

Deste modo, o narrador gera para o leitor a oportunidade de analisar sua própria prática e vivência, podendo trazer para sua prática a experiência narrada. Para Frauendorf et. al. (2016, p.354).

Nesse processo de narrar, com as reflexões suscitadas, aliadas à explicitação do porquê de ter selecionado determinado tema ou experiência, que ele poderá tornar o texto um material precioso para ser analisado e compreendido. [...] a compreensão ativa produzida poderá auxiliar na formação de outros indivíduos, por propiciar que se observe determinado acontecimento e se reflita a partir do par experiência/sentido, e não como se costuma observar em geral nas pesquisas em educação, na relação ciência e técnica ou teoria e prática.

A prática exposta neste trabalho são relatos autobiográficos da minha experiência como professora de AEE, a partir das aulas online registradas em capturas de tela, preservando a identidade dos alunos, no momento da abordagem.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para os surdos, o ensino da LIBRAS como L1 e do português como L2, está voltado para a aquisição sociocomunicativa, buscando estimular os usuários a aprender gradativamente a assimilar, a interpretar, a reformular, a explicar e a comunicar-se nos dois idiomas.

Portanto, a prática pedagógica, tem como objetivo trabalhar o desenvolvimento da leitura e da escrita da língua portuguesa como segunda língua para o surdo, lançando mão de atividades com recursos de acessibilidade e materiais pedagógicos organizados institucionalmente.

Desta forma, criei um grupo no WhatsApp com os alunos que consegui o número do telefone atualizado, no total 30 alunos para continuarmos em contato, da mesma forma criei outro grupo com um representante da família de cada aluno, com o intuito de continuar com o contato e dialogarmos no sentido de esclarecer como continuaríamos com as atividades.

No grupo dos alunos semanalmente, sempre nas segundas-feiras, eram disponibilizadas atividades em PDF, acompanhadas de vídeos em LIBRAS gravados por mim, explicando como fazer cada atividade, sendo esperado que os alunos enviassem as respostas até a sexta-feira seguinte. Orientei que os alunos deveriam responder às atividades propostas postando no grupo um vídeo em LIBRAS, sinalizando a resposta da atividade.

Não havendo problema se o aluno “X” esperasse o aluno “A” postar o seu vídeo para depois gravar o seu, pois na turma há alunos com múltipla deficiência, ou seja, além da surdez alguns tem autismo ou deficiência intelectual.

Esta proposta teve o objetivo de dar a oportunidade dos alunos se verem, de não se sentirem isolados nesse momento tão desafiador para todos nós, já que acreditamos que é importante manter o contato do surdo com a língua dele.

A primeira atividade foi para que cada um gravasse um vídeo sinalizando seu nome e sinal, pois todos os alunos estavam no mesmo grupo e alguns não se conheciam pessoalmente, já que as aulas presenciais antes da pandemia eram divididas em duas turmas que frequentavam as aulas em dias alternados.

Além da resposta em LIBRAS foi também solicitado a entrega da atividade escrita em português, por ser já um recurso utilizado pelos alunos. Evitando que o aluno tivesse gastos com impressão de material, as atividades eram escritas em seus cadernos. Dessa forma, o aluno deveria fazer uma foto com sua resposta em português e postar no grupo, o que também contribuía para que o aluno evitasse sair de casa.

Nas atividades seguintes foram utilizados os temas: Brinquedos; Alimentos; Cores; Animais; Datas comemorativas; Comunicação; Frutas; Meio de transportes; Vestuário e Festas Juninas.

Cada atividade foi construída com dez imagens, (pesquisadas na internet) referente a cada tema, sempre solicitando o vídeo e a palavra escrita em português.



Apesar dos recursos limitados, da falta de participação de algumas famílias, acreditando que isso tudo seria passageiro, ou pela falta de escolaridade dos responsáveis, os alunos com autonomia em suas atitudes e no acesso ao aparelho celular, participaram das atividades, deixando claro que eles queriam continuar de alguma forma com a aprendizagem.

Esta dinâmica foi utilizada até o recesso do mês de junho do ano de 2020. Ao retornarmos no mês de julho do mesmo ano, elaborei um calendário de frequência para atender por chamada de vídeo cada aluno individualmente, sendo que cada chamada durava em torno de 30 minutos. Foi observado na dinâmica anterior que alguns alunos que tem múltiplas deficiências e não tem autonomia para fazer a atividade, tiveram uma participação em torno de 40% das atividades.

Em contato com os familiares, as justificativas pela falta de participação foram diversas, desde a falta de tempo para sentar com seu parente surdo (Filho ou irmão), até achar a LIBRAS muito difícil e não ter interesse em aprender para ajudar na atividade proposta, não havendo relatos de infecção ou morte de parentes por COVID 19.

Então marquei os horários para que cada um de forma individual pudesse ser atendido em tempo real por chamada de vídeo. Este formato de atendimento foi viável aos alunos e aos seus familiares, tendo em vista que eles puderam ver a professora e as famílias ficaram sem o compromisso de ajudá-los em suas atividades. Logo, esses momentos foram tanto para realizar as atividades, como também possibilitar a oportunidade de se comunicar em língua de sinais.

Houve a necessidade de formar um terceiro grupo com os familiares dos alunos com múltiplas deficiências, com o objetivo de agendar as aulas pois os mesmos não têm autonomia para entender a hora e o dia do atendimento.

Cada encontro acontecia uma vez por semana com cada aluno, os temas das aulas para os alunos múltiplos passaram a ser os mesmos do primeiro semestre, já que eles não estavam acompanhando as atividades desenvolvidas pelo grupão.

Depois do nosso encontro era solicitada as atividades que continuaram da mesma forma, ou seja, gravar vídeos em LIBRAS e responder escrevendo no caderno e postando a foto no grupo. Tivemos como eixo norteador neste período: Identidade, autonomia e cultura, sendo trabalhado os temas: Dia dos Pais; Esportes; Dia da Pátria; Dia do Surdo; outubro Rosa; Dia da Criança; Dia do Professor; Proclamação da República; Consciência Negra e Natal.

Nós professores passamos por momentos desafiadores e precisamos nos reinventar para dar o melhor de nós à educação. Nada do que presenciamos foi estudado na faculdade, não tínhamos nenhuma referência. Contudo, pudemos observar no comportamento dos alunos e na participação nas atividades que conseguimos obter êxito no trabalho, uma vez que se não houve

evolução de alguns em relação ao objetivo, também não houve regressão. Assim concluímos o ano de 2020.

No ano de 2021, já com alguns cursos oferecidos pelo governo do estado da Paraíba, nesse momento foi criada uma conta institucional para todos os professores da rede estadual de ensino, na qual através desta conta foi disponibilizado o acesso ao aplicativo “MEET”, com maiores recursos e o “Google sala de aula”, dando condições de realizarmos atividades de forma mais ativa.

Neste período, as atividades e os vídeos foram disponibilizados no “Google sala de aula” e todos puderam se encontrar virtualmente nas reuniões utilizando a plataforma “Google Meet”. Nos momentos de aulas online, os alunos podiam tirar dúvidas referentes às atividades, bem como participar em tempo real das propostas pedagógicas adaptadas para contribuir com o desenvolvimento de cada aluno surdo.

Além de todos os problemas decorrentes da pandemia do Covid 19, as medidas de segurança e distanciamento social, levaram a sociedade a refletir sobre a necessidade de observarmos a situação precária de acesso aos recursos tecnológicos educacionais por alunos e professores, apesar de estarmos vivendo na era digital. Dessa forma, trazer o aluno surdo para o cotidiano virtual tornou-se a princípio um desafio difícil, porém não impossível.

Foi possível criar aulas dinâmicas com apresentação de vídeos com acessibilidade, a exemplo dos vídeos “Cine gibi da turma da Monica” ou vídeos do youtube.com, jogos de memória criado de acordo com o tema trabalhado, atividades avaliativas utilizando google.com/forms e outras opções de ferramentas tecnológicas para usar em aulas online que podem ser adaptadas com o uso de imagens e de sinais em LIBRAS, para alcançar o aluno surdo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As dificuldades que a pandemia do COVID 19 causou na área da educação do surdo foram mais acentuadas no ano de 2020, com o passar do tempo e com os cursos oferecidos aos professores para o uso das tecnologias, a pandemia tornou-se um motivo a mais para pensarmos no mundo digital como aliado e não como um vilão da educação do surdo.

As atividades relatadas neste trabalho foram algumas das que funcionaram tão bem que ao retomarmos as aulas presenciais, o uso do computador tornou-se importante para estimular a aprendizagem do aluno surdo.

Esta experiência gerou várias reflexões sobre como nós professores enfrentamos desafios na nossa prática pedagógica e como precisamos nos reinventar, nos capacitar para possibilitar um processo de aprendizagem aos nossos alunos. Neste período de pandemia tivemos que repensar nossa prática nos capacitando, com certa dificuldade pois não tínhamos nenhuma referência. Porém, o mais importante é percebermos que a participação dos alunos nas atividades refletiram nosso compromisso uma vez que nenhum deles apresentou regressão na aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República, **Lei 10.098** de 19 de dezembro de 2000. Brasília 2000, DOU de 20.12.2000.

BRASIL. Presidência da República, **DECRETO n. 5.626**, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. DOU de 23.12.2005.

BRASIL. Presidência da República, Lei n. **10.436**, de 24 de abril de 2002. Brasília, 2002. D.O.U. de 25.4.2002.

BRASIL. Presidência da República, **Lei n. 12.319**, de 01 de setembro de 2010. DOU de 2.9.2010.

BRASIL. Presidência da República, **Lei n. 14.191**, de 03 de agosto de 2021. DOU de 4.8.2021.

CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira; SOUSA, Maria Goreti da Silva. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br>. Acesso em: 02 jul. 2022.

FONSECA, Vitor da. **PSICOMOTRICIDADE/ Psicologia e Pedagogia**. 2.ed. São Paulo. Martins Fontes. 1988.

FRAUENDORF, R. B. S. et al. Mais além de uma história: a narrativa como possibilidade de autoformação. **Revista de Educação**. PUC- Campinas. Set. /dez. v21 n3. p. 354. 2016. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/>. Acesso em: 03 mai. 2022.

LOURO, Verônica; JANOARIO, Ricardo. Para iniciar a conversa análises sobre a educação de surdos em tempos de pandemia. In: CHALHUB, Tania; RIBEIRO, Tiago da Silva. **Reflexões de um mundo em pandemia** [livro eletrônico]. Org: Rio de Janeiro: Ed: Ayvu,2020.

QUADROS, R. M. de. O bi do bilinguismo na educação de surdos. In: \_\_\_\_\_ **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.



Resolução 140-2020. **Conselho Estadual de Educação**. Disponível em:  
<https://www.cee.pb.gov.br>. Acesso em: 18 out. 2021.

ROCHA, Solange Maria da. **Instituto Nacional de Educação de Surdos: uma iconografia dos seus 160 anos**. Rio de Janeiro: INES, 2018.

SKLIAR, Carlos. **A SURDEZ: um olhar sobre as diferenças**. 7.ed. Porto Alegre. Ed. Mediação. 2015.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3.ed. rev. Florianópolis. Ed da UFSC. 2015.

STROBEL, Karin. In: \_\_\_\_\_ VELOSO, Éden; MAIA, Valdeci. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**. 7 ed. Curitiba. Ed. Mão Sinais. 2012.